



je tudo mudou.

Nós e outras bandas sentimo-nos os últimos cos moicanos.

As coisas andam depressa...

Fui um último momento em que uma corrente de música popular teve algum espaço. Ou isto é uma coisa sazonal ou estamos a assistir a consequências da massificação. «Megafone» surge para contrariar isso.

«Megafone» é um projecto secundário face a Sítios?

De certa maneira, é mais sério. Sítios é uma banda «mainstream». Isto tira mais de ti. É mais arriscado, logo mais sério. É algo que eu pretendo continuar. E mexe numa coisa muito importante que é a identidade cultural. **As recolhas retratam uma violência do quotidiano que a música de dança também traduz.**

Se virmos as coisas mais na génese, acaba por ser muito semelhante. As pessoas que cantam numa aldeia não se estão a ver como um músico, mas como uma pessoa que canta ou toca. Como a filosofia adjacente à chamada música de dança, que tem essa honestidade de as pessoas não se verem como músicos. A primeira coisa a chamar-me para a música foi o punk, mas isto é muito mais importante. Não ter quase intervenção nenhuma e conseguir materializar uma ideia de música é o ideal. A música pode existir de diversas formas e esta é a mais democráti-

ENTREVISTA MEGAFONE

FORA DO SÍTIO

Consolidando as pistas lançadas no primeiro «Megafone», João Aguardela volta ao local do crime, ou seja, a um projecto que assume como mais importante que os Sítios, que voltarão a editar este ano. Entre o «bit» e a enxada, «Megafone» permite descobrir uma ponte improvável e onírica.

MIGUEL GASPAR

João Aguardela regressa com o segundo álbum de «Megafone»: um estranho e inquietante encontro entre as raízes rurais e a estética da música de dança assumida na sua plenitude. Conversa com passagem por Sítios, o estado de música e os labirintos de um cruzamento musical que é um acto de guerrilha.

Porquê um novo álbum do projecto «Megafone», enquanto os Sítios continuam sem gravar?

Nunca interrompemos os Sítios. Temos feito concertos e, depois de quatro anos a correr, era altura de descansar um bocadinho, o que também se prendeu com a saída de membros da banda. Fiquei com mais tempo nas mãos. Tempo e material. O último disco dos Sítios já tinha sido uma experiência caseira. E pude fazer uma série de experiências em torno da música tradicional que há muito queria fazer.

A referência ao nome do projecto manteve-se de um para outro disco. O que é o Megafone?

A explicação mais simples é chamar-lhe uma experiência. Nem dei nome aos discos. O primeiro joga com coisas muito ligadas umas às outras. Este reúne experiências muito diversas.

Que pontos de contacto há entre um e outro álbum?

Aqui, decidi abrir a experiência. Grande parte do disco fui eu a tentar mudar de personalidade. E, em dois casos, convidei músicos para comandar experiências. O que ressalta do material utilizado, é um certo lado áspero, que joga bem com a electrónica. Talvez o primeiro seja mais brutal. Mesmo nas programações, procurei abordar sempre pelo lado mais cru. As correntes da dança são uma música tradicional global que está a acontecer agora. Escolhi os temas por gosto. Tenho tendência a ir

O primeiro «Megafone» joga com coisas muito ligadas umas às outras. Este reúne experiências muito diversas

para uma coisa mais próxima do romance. No texto, procuro as coisas mais estranhas da música tradicional, onde às vezes parece que caíste no universo dos Mão Morta. Eu nunca me sent confortável com a tentativa de embelezar as coisas.

A referência fundadora deste tipo de abordagem seria «My Life in the Bush of Ghosts».

Em Portugal existe uma referência mais directa que é a Banca do Casaco. nos temas com a Ti Chitas, feito por aquelas personalidades naquela altura. **Após uma fase de grande exposição, os Sítios entraram num período de**

paragem.

Fomos fazendo canções, mas não a pensar num álbum. Pela primeira vez que não será um álbum pensado todo de início.

É para sair quando?

Em princípio, este ano.

Sítios marcou uma época. Mas ho-

lhores resultados em termos de imaginação pura.

Permitiu introduzir a colagem, por exemplo, que é um conceito comum em artes plásticas.

Temos a guitarra eléctrica como símbolo de um determinado período e o «sample» como símbolo de outro. Dei-me conta de uma série de coisas que se tornaram possíveis, mesmo ao nível da distribuição da música, através da Internet. Agora estaremos no início de algo muito interessante. Só me admira não haver mais gente da minha área, a pop, a fazer este tipo de coisas. Até porque, se não o fizemos, corremos o risco de qualquer dia não fazer mais nada. Em termos de política editorial, as coisas estão cada vez mais fechadas. Isto é um óptimo meio de guerrilha.

Tem alguma experiência na área da Internet?

Estou a começar agora e vem de uma ideia que eu e o Henrique Amaro materializámos no ano passado, que era fazer uma peça musical por mês para o programa dele, que depois desaparecia de circulação. Este ano passei o formato para a Internet, onde estou a disponibilizar uma peça musical por mês.



Guerrilha em construção

MEGAFONE

«Megafone»

Farol

○○○○

um programa é válido de acordo com a forma como é concretizado. A segunda aventura de João Aguardela por estes domínios ambíguos, algures entre o «bit» e a enxada, desperta porém um fascínio renovado a cada audição. Uma colisão nua de ritmos e vozes, que pode envolver

A capacidade de experimentar e fazer das experiências actos de guerrilha estética constituem, em si, um programa suficiente para legitimar um projecto como «Megafone». Mas como em tudo na vida,

também linhas melódicas e ambientes electrónicos («Aleluia», «Moda dos Caretos»), um jogo entre a merrória e o presente diversificado nas abordagens - que vão da passagem pelo fado no formidável «No Fim da Noite», de Jorge Buco/Richard Pedrosa a um discreto e assumido vestígio de Sítios, com Sandra Baptista em «Maçadela do Linho». De uma e de outra ponta que juntou aqui, João Aguardela guarda e amplifica um poder onírico comum às vozes e à electrónica. As máquinas potenciam aqui essa energia espontânea do canto tradicional que o GAC tão bem registava, somam-lhe um jogo hábil e rigorosos de texturas sonoras (ver o uso dos sopros). Um projecto em construção permanente, encerrando em si uma enorme capacidade de gerar outras pistas. Faz-se ouvir este megafone...M.G.